

TAL COMO UMA VISITA À GALERIA DO SINISTRO: *THE ART OF PULP HORROR*

JUST LIKE A VISIT TO THE GALERY OF THE SINISTER:
THE ART OF PULP HORROR

*Amanda Berchez*¹

1 – Doutoranda em Estudos Literários pela Faculdade de Ciências e Letras (FCL/CAr) da Universidade Estadual Paulista (UNESP); mestra em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); graduada em Letras pelo Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).
E-mail: amanda.berchez@unesp.br

RESUMO (RESENHA): JONES, Stephen (Ed.). *The Art of Pulp Horror (An illustrated history)*. Foreword by Robert Silverberg Applause Books, Elephant Book Company Ltd., 2020, 256 pages.

PALAVRAS-CHAVE: Pulp; Horror; Pulp horror; Pulp fiction.

RESUMO (RESENHA): JONES, Stephen (Ed.). *The Art of Pulp Horror (An illustrated history)*. Foreword by Robert Silverberg Applause Books, Elephant Book Company Ltd., 2020, 256 pages.

KEYWORDS: Pulp; Horror; Pulp horror; Pulp fiction.

A primeira metade do século XX assistiu à instituição (ainda que marginalizada) das *pulp magazines*. Sob a égide desse termo, estiveram compreendidas produções – pensamos, em particular, em seus primórdios – com menor custo de fabricação e que, por conseguinte, foram associadas a qualidade inferiorizada, em tendo sido seu formato mais comum o *paperback*, isto é, de material mais rudimentar, folhas de polpa de celulose não tratadas. Em atenção a essas propriedades e ao fato de tais produções terem encerrado, no geral, histórias de mistério e *sci-fi*, também nelas recaiu o estigma de literatura medíocre. Mas também o baixo valor imputado sobre elas e seus preços baratos foram elementos que permitiram, além de altas tiragens, também sua disseminação e venda nas mais variadas regiões (sobretudo, do território norte-americano), sem, para tanto, ser necessária publicidade. A crítica, muitas vezes, localiza as *pulp magazines* numa escala evolutiva dentro da qual teriam por antecessoras publicações do século XIX que também atraíam gosto popular e custavam pouco, como as *penny dreadfuls* inglesas e as *dime novels* nos EUA. Já no tocante à ficção científica (tema-motor do dossiê), as *pulp* tanto concorreram para seu robustecimento e sua notabilidade quanto se firmaram por causa desse gênero.

Creemos ter sido crucial essa contextualização para que, enfim, apresentássemos a obra *The Art of Pulp Horror*, que saiu em 2020 pela editora Applause Books. Trata-se do terceiro volume que seguiu aos premiados títulos *The Art of Horror* e *The Art of Horror Movies*, sequência essa cuja empreitada, adentrando a alçada historiográfica, consiste em apresentar compilações (cada qual com recorte temático-contextual específico) ilustradas com vistas a celebrar manifestações das mais proeminentes e trazer ao conhecimento seus autores quanto aos respectivos gêneros enfocados². O escopo do volume que resenhamos, segundo o lemos, foi recuperar as formas por que as *pulp* (destaque para sua expressiva carga de sensualidade, numa escala cujos ex-

2 O primeiro volume, a despeito de reconhecer a presença do horror em lendas e contos populares, focaliza o gênero tal como ele veio se constituindo a partir dos romances de Bram Stoker e Mary Shelley no século XIX, no resgate de pinturas, ilustrações, revistas *pulp*, pôsteres de filmes, quadinhos até a arte digital nos dias atuais. Por sua vez, o segundo concentra-se na análise da história cinematográfica do horror, iniciando na era do cinema mudo e estacionando nos lançamentos e nas tendências contemporâneas.

tremos estão no abuso e no sensacionalismo, de maneira a fervorosamente dar vez ao “sangrento-gratuito”) contribuíram para moldar o *modern horror* na cultura popular no decorrer de mais de cem anos. Devemos também assinalar a excelência editorial do exemplar e atribuí-la ao projeto criativo da igualmente aclamada Elephant Book Company Ltd., cuja proposta é justamente elaborar edições de alto padrão em vários âmbitos (entre eles, o da arte popular). No que diz respeito à equipe, façamos especial menção a seu editor, o inglês Stephen Jones, o mesmo dos dois volumes anteriores. Sua trajetória impressiona: afora sua indicação ao Prêmio Hugo, um dos mais prestigiados no campo da ficção científica, ele venceu uma gama de prêmios (vinte e um British Fantasy Awards, cinco Bram Stoker Awards, quatro World Fantasy Awards, três International Horror Guild Awards e um Lifetime Achievement Award da Horror Writers Association). Colocando tudo isso em perspectiva, podemos sustentar que a expertise do time acabou traduzida numa obra visualmente primorosa.

Avancemos para algumas palavras quanto à sua organização. Além do prefácio de Robert Silverberg (de título “*Those gaudy pulps!*”) e da introdução por Jones, a obra têm nove capítulos: “*Penny dreadfuls*”; “*Pre-code horrors*”; “*The shudder pulps*”; “*Poverty row*”; “*Seduction of the innocent*”; “*Drive-in delinquents*”; “*Pulp fiction*”; “*Exploitation Explosion*”; e “*Boom and bust*”. Neles, são apresentados, numa disposição cronológica, os trabalhos de muitos dos principais artistas (no caso, ilustradores notadamente) para as *pulp* – em sua maior parte, para as capas dessas revistas – escoltados de pesquisas que os esmiuçam e, até mesmo, explicam quando preciso. Um mérito que enxergamos no esforço de tal antologia é o de abarcar amostras deveras raras e em resolução gráfica elevadíssima de ilustrações mais antigas que, talvez em função da rápida e nem sempre extensivamente documentada saída dessas revistas, sem contar a elitista e generalizada recusa a estimar nelas [sequer a possibilidade de] valor (não obstante, valores evidentemente diferentes dos das obras tidas por grandiosas, nobres, edificantes *etc.*), mal se conservaram até nós, ainda mais, no Brasil, ou o acesso a elas nos acabou de algum jeito atravancado. Ou seja, muitas imagens podem ser inéditas até mesmo para os apreciadores (quer das *pulp*, quer do horror, quer de sua articulação) mais devotados. Elas incluem *serial killers*, seres como demônios, fantasmas, lobisomens, vampiros e zumbis, cujas representações costumavam

transitar, em linhas gerais, por entre um polo de esplêndido uso de cores que culminavam em visuais bem-feitos e estarrecidamente belos e outro que nos choca pelo viés ético-moral por seu teor lamentosamente apelativo. Noutras palavras, está em jogo a questão do *exploitative*. Obviamente, isso não enquadra transtorno nas balizas da edição por si, *i. e.*, da materialidade da produção. Contudo, faz-se oportuno um comentário tangente à problemática do feminino que pode poupar leitores a ela sensíveis de consulta, abordagem ou aquisição indesejável.

Uma imersão aos universos *pulp* e/ou do horror é capaz de nos habilitar a detectar muitas sementes que germinaram e cujos frutos, pensando mormente no critério cultural, consumimos na Contemporaneidade. As *pulp magazines*, que foram a escolha popular de muitos estadunidenses, sobretudo, entre 1900-1950 (tamanho popularidade fez com que sua publicação se estendesse para o Canadá, o Reino Unido, a Austrália e a África do Sul, sem deixar de mencionar algumas traduções ganhadas ao espanhol e ao francês), vieram a declínio em concomitância, por exemplo, à ascensão fosse dos quadrinhos, das edições de bolso, da mídia televisiva. Seu legado, todavia, foi deixado. Dizemo-lo pois nos parece imprescindível entender quais foram as circunstâncias de que provieram reproduções de mulheres na condição de vítimas, sob perigo ou já em situação de desconfortos sexuais, vistas aos montes e de formas diversas desdobradas no hoje. Isto posto, as *pulp* nutriram e foram nutridas por uma conjuntura em que perspectivas como essas sobre as mulheres, a tal ponto sexualmente exploradas *pelo* e *para o* deleite masculino, eram não somente aceitáveis como incentivadas; elas configuraram-se, então, num dos estágios desse longo histórico de violências para com a mulher.

The Art of Pulp Horror nos faz lembrar a natureza do cenário em que essas artes foram concebidas e utilizadas, mas também, neste mesmo prisma, ela se presta a colocar à mesa contra o que devemos continuar incansavelmente lutando. O contato convém para não esquecermos, tampouco permitirmos que se repitam opressões de quaisquer feitios. Na ocasião da avaliação de certas figuras veiculadas nas *pulp magazines* que constam na edição, sentimos o vigor do *horror* que a Vontade do Homem infundiu sobre as mulheres, horror infelizmente ainda presente demais em nossas sociedades.

A obra também nos oferta breves relatos da trajetória de personalidades que foram substanciais para o estabelecimento do que é impresso como *pulp horror*, acompanhado de um pequeno retrato e excertos de outros nomes também de peso sobre elas. Exemplo disso, podemos observar com Donald Allen Wollheim (1914-90), cuja atuação no ramo editorial foi demasiadamente importante no âmbito das revistas *pulp*. Dentre seus feitos mais marcantes, podemos elencar a reimpressão dos principais materiais das *pulp* na *Avon Fantasy Reader* (revista conhecida por republicar em antologias obras de *sci-fi* e fantasia) e a edição de *The Girl with the Hungry Eyes*, estipulada como a primeira coleção de horror inteiramente original em brochura.

Wollheim's first love was the science fiction pulps, and he was a leading agitator in nascent fan culture, most notably as part of an influential group known as "The Futurians." He was instrumental in setting up the first fan convention and published multiple fanzines, including the one-shot Fanciful Tales of Time and Space (1936), which featured such important authors as H. P. Lovecraft and Robert E. Howard, and The Phantagraph (1935-46), which added Robert Bloch and Clark Ashton Smith to the roster. (MARRIOTT in JONES, 2020, p. 192)

A influência de Wollheim foi avassaladora. Seu início amador em nada pesou sobre seu exímio julgamento editorial. Um brilhante posicionamento seu foi de que a *sci-fi* deveria cobrir e ensejar mais discussões de questões sociais, o que veio de encontro ao interesse voltado ao lucro dos principais editores das *pulp* e desembocou na rejeição de muitas de suas histórias. Porém, ele, que já se sentia socialmente desajustado (devido, por exemplo, às sequelas que carregou consigo da contração de poliomielite na infância), não cedeu às [re]pressões do mercado editorial, a esse se impondo para que suas considerações, seus juízos, concepções, enfim, tudo isso também fosse acomodado, legitimado, representado.

Donald A. Wollheim did it all: he was a fan who produced his own fanzines full of famous names, edited pulp and digest magazines, and pioneered the rise of the paperback at various publishing houses before founding his own groundbreaking imprint, DAW Books, in 1971. (MARRIOTT in JONES, 2020, p. 192)

A saber: não podemos passar incólumes a agentes como Wollheim, pois foi graças a empreendimentos (muitas vezes, de resistência, como vimos) seus que uma variedade de gêneros se cravou na história literária numa relação de mútuo benefício com as *pulp*, entre os quais, a fantasia, a ficção policial/*hard-boiled*³ e a *sci-fi*. As revistas *pulp* foram os grandes meios responsáveis por, hoje, conhecermos escritores e personagens notáveis como: McCulley e seu Zorro; Burroughs e seu Tarzan; Lovecraft e seu Cthulhu; Howard e os célebres Conan e Solomon Kane; além de Hammett com seus Continental Op e Sam Spade. E todo esse êxito em meio às várias investidas de que essas criações foram alvos, haja vista o rótulo “*trash*” frequentemente alocado sobre elas.

And, when it comes to arts, then horror seems to be the trashiest genre of all. As horror is already perceived by many to be a creative ghetto, then “pulp horror” must therefore be the lowest form of entertainment that could possibly exist. Author and academic Clive Bloom has described horror as being “loud, brash, sexy, violent, passionate, and unlikely”, which is about as good a description as any, while genre historian Mike Ashley noted that the pulp magazines “have received a great deal of bad press over the years and are still generally dismissed by many as of little merit. Whilst it is true that during the 1930’s there were some appalling pulp magazines of dismal quality, that is not true of most pulps, and indeed in their early years, especially just before and after the First World War, the magazines carried much of interest and significance”. (JONES, 2020, p. 12)

Encaminhemo-nos ao fim desta jornada aferindo *The Art of Pulp Horror* enquanto uma meritosa coleção que pode contribuir (em especial, no quesito visual, de ilustrações gráficas) a todos aqueles que se interessem pessoal ou profissionalmente por materiais de orientação *pulp-horror*. Um aspecto que pode desagradar alguns leitores é a inclusão, ao lado de obras extraídas das *pulp* (como as famosas capas em

3 As ficções policial e *hard-boiled* acabam amiúde observadas em conjunto à medida que colocam em cena a figura de um detetive (em geral, anti-herói) que combatia o crime organizado e, mais amplamente falando, a corrupção sistematizada. Referências foram apresentadas logo após a inscrição da nota de rodapé, como Continental Op e Sam Spade de Dashiell Hammett.

celulose), de composições artísticas contemporâneas (como pôsteres de filmes e *fan art*); desagrado que não é nosso, pois elas oferecem indicações bastante pertinentes de como o *pulp horror* (sobre)vive nos dias atuais, assim como compreendem uma forma de prestar homenagens ao(s) gênero(s). Para além da arte, motivo por si só para creditar o título, também os ensaios preparados por especialistas e demais envolvidos com a indústria de reimpressão das *pulp* no presente valem a recomendação, ponderado o rigor técnico, argumentativo e histórico dos textos. Por último mas não menos digno de nota, o grande formato do volume, a vivacidade das cores nas artes e detalhes como a capa dura texturizada e as *splash panels* proporcionam (obviamente, nas dimensões do livro) uma incursão tal como se estivéssemos em visita à mostra de um museu do sinistro, na descoberta do horror *das e nas pulp*.

Horror is the future. And you cannot be afraid. You must push everything to the absolute limit or else life will be boring. People will be boring. Horror is like a serpent; always shedding its skin, always changing. And it will always come back. It can't be hidden away like the guilty secrets we try to keep in our subconscious.

— DARIO ARGENTO

REFERÊNCIAS

The Art of Pulp Horror (An illustrated history). *Frankfurt Rights*. Disponível em: frankfurtrights.com/Books/Details/the-art-of-pulp-horror-18972449. Acesso em 10/12/2022.

Welcome. *Stephen Jones - Horror writer, editor, anthologist*. Disponível em: stephenjoneseditor.com. Acesso em: 12/12/2022.